

Intelectuais Negros e Saberes Libertários¹

Elisamar Martins²

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, RJ

Caio Brasil Rocha³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Entre as tantas consequências da diáspora africana está o silenciamento do negro enquanto produtor de saberes e conhecimentos. Contudo, apesar das diversas camadas de opressão, os negros passam a reivindicar seus espaços através de discursos e representações, da pluralidade que existe na vivência étnico-racial. Encontramos no pensamento de Paulo Freire uma práxis que possibilita a superação do estado atual das coisas. A partir disso, buscamos refletir como negros produtores de conteúdos no meio digital, criam para si e para a comunidade negra, um espaço de existência e resistência, a partir do momento em que pautam problemas sociais, atuando na conscientização e enfrentamento, criando assim e compartilhando assim, caminhos que saberes que direcionam para a liberdade.

Palavras-chave: 1. Intelectualidade negra. 2. Resistência. 3. Influenciadores negros. 4. Movimento negro. 5. Saberes.

Introdução

Este artigo parte do pensamento do educador brasileiro Paulo Freire para refletir sobre a práxis de intelectuais negros. A ideia de educação para a libertação de grupos subalternizados é central na obra do intelectual pernambucano, encontrando ecos na

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestranda no curso em Relações Étnico- Raciais do PPRER, CEFET/RJ, helisafollow@gmail.com

³ Doutorando no curso de Comunicação da ECO-UFRJ, e-mail: contato.caiobrasil@gmail.com

produção acadêmica nacional e internacional, em movimentos sociais, e na atuação de influenciadores digitais.

Para o melhor entendimento do leitor, o artigo está dividido em três partes. Na primeira parte apresentamos um breve panorama do pensamento do autor e educador Paulo Freire e a sua atual contribuição para as discussões de um projeto educativo emancipatório, tendo o sensível como aspecto determinante em seu método de alfabetização.

Na segunda parte trazemos a abordagem de Gramsci (1982), Said (2007) e Gomes (2010), alguns autores que conceituam sobre os intelectuais e as suas possibilidades de intervenção e transformações sociais. Na terceira parte, apresentaremos também uma análise a respeito da ascensão de influenciadores pertencentes ao grupo politicamente minoritário negro, que produzem conteúdos que favorecem a ação política emancipadora.

Paulo Freire e a economia do sensível

Em 2021, quando é celebrado o seu centenário, o educador brasileiro Paulo Freire recebe homenagens e revisitas à sua produção intelectual. De acordo com levantamento feito no mecanismo de busca acadêmica Google Scholar pelo pesquisador Elliot Green, da *London School of Economics*, o livro *Pedagogia do Oprimido* (2013) é a terceira obra das ciências humanas mais citada em todo mundo⁴. Isso mostra a relevância do pensador pernambucano no cenário internacional, aparecendo na lista à frente de teóricos de alto relevo na produção intelectual como Karl Marx, Michel Foucault, Hannah Arendt e outros.

O educador humanista desenvolveu e aplicou um método de alfabetização que se utilizava da vida prática e objetiva dos educandos como objeto central ao letramento. Na realidade, o que estava em questão para o pensador era construção de meios para a libertação. Libertação é um dos conceitos chaves da obra de Paulo Freire, sendo uma práxis, ou seja, a reflexão e ação dos seres humanos sobre o mundo para transformá-lo.

⁴ Disponível em: < <https://agencia.fiocruz.br/revista-cientifica-celebra-50-anos-de-obra-de-paulo-freire>>. Acesso em: 10/08/2021.

Desse modo, o processo educacional não deve se resumir meramente em levar o indivíduo a reconhecer letras, palavras e frases. Mas para muito além disso, voltado à construção de uma conscientização, em um processo em que o indivíduo é levado a pensar sobre o mundo a partir das questões próprias, no qual o educador não se apresenta como um mero transferidor de conteúdo, em uma educação bancária, como afirmava Freire, mas surge como um incentivador, o agente que atua no estímulo ao pensamento e que lhes apresentam outras problemáticas.

Ou seja, a partir do universo vocabular e das problemáticas particulares, os educandos são levados a elaborar sobre questões mais complexas. Não nos cabe aqui uma demonstração mais detalhada no método freiriano, já muito discorrido pelo próprio autor e pensadores da educação e até mesmo da comunicação, sobretudo os ligados à educomunicação. O que nos cabe é apresentar a compreensão de que o método de Paulo Freire tem como eixo central a experiência sensível dos indivíduos envolvidos no processo educativo.

Adotando para esta pesquisa o conceito de sensível desenvolvido pelo filósofo italiano Emanuele Coccia, em seu livro *A Vida Sensível* (2010), entende-se que o sensível é uma esfera do real diferente e com suas particularidades. O processo pelo qual algo existe é diferente daquele que o torna sensível. Há algo intermediário entre sujeito e objeto. Não é a mera existência de um objeto na frente de um sujeito que o torna evidente. Para isso, é preciso que ele se torne fenômeno e que, posteriormente, esse fenômeno encontre os órgãos perceptíveis do indivíduo.

Aquilo que não se manifesta como fenômeno não pode ser apreendido pelos seres humanos. Um objeto desconhecido no universo e invisível aos olhos humanos pode ser identificado pelo sensível capturado pelos aparatos técnicos desenvolvidos pela ciência, ou até mesmo em cálculos matemáticos puros. Por exemplo: a mera influência à gravidade de um determinado corpo conhecido pode revelar a existência de um outro, ainda desconhecido no universo. Mesmo para formular uma teoria, como a do Bóson de Higgs, é necessário que haja evidências mínimas.

Ademais, algumas coisas são sensíveis, mas não podemos percebê-las. Por exemplo: o ultravioleta e o infravermelho existem, podem ser percebidos por outros seres ou aparatos tecnológicos, mas os seres humanos não detêm a capacidade de apreender as

frequências de ondas que compõem tais cores. Ou seja, existem e são sensíveis, mas não são percebidos pelos órgãos humanos e não causam, então, sensações.

Para Coccia (2010), existe uma precedência e prevalência da imagem⁵ sobre a imaginação e do sensível sobre a sensação. Desse modo, as imagens seriam supra materiais e pré-culturais. É na emergência de uma imagem que se estabelece seu significado e pode-se a atribuir categorias⁶. Ou seja, é a partir do sensível que se conhece o mundo. Parte dos fenômenos espirituais, diz o autor italiano, pressupõe uma relação com o sensível e são possíveis pela capacidade de se produzir imagens ou de ser por elas afetado. As imagens, como realidade do sensível, possibilitam um indivíduo ser afetado sem o ser tocado fisicamente pela coisa.

Os seres vivos não são passivos na ordem do sensível. Ou seja, não apenas recebem, mas também produzem. Produzindo sensível, podem modelar e influenciar o mundo. Há um processo no qual indivíduo transforma aquilo que habita seu espírito em sensível põe para fora, o emite como imagem, palavras, gestos etc. Para Coccia (2010), a linguagem é uma forma superior de sensibilidade pois se apresenta como um espaço de medialidade no qual as imagens existem em autonomia em relação aos falantes.

Desse modo, podemos conceber que o processo educacional proposto por Freire, voltado à libertação e a construção de cidadania, se inscreve em uma economia política do sensível. Ou seja, o processo de alfabetização e de conscientização está atrelado a uma proposta de alargamento das possibilidades de inscrição dos indivíduos à ordem do sensível e, em consequência, da política. Ler, escrever e refletir e agir sobre o mundo altera a posição do sujeito nas relações de poder.

Na ordem do sensível, a classe burguesa, por exemplo, se destaca pela sua capacidade de deter os aparatos técnico-burocráticos de produção de sensível, que são os meios de comunicação. A capacidade de produzir mais ou menos sensível está intimamente associada à posição do sujeito na acumulação de capitais – financeiro e simbólico.

⁵ O autor chama de imagem tudo aquilo que é sensível e apreendido pelos órgãos perceptivos: a imagem propriamente dita, os cheiros, os sons etc.

⁶ Uma aproximação possível aos conceitos de significante e significado da semiótica de Ferdinand de Saussure ou de acontecimento de Louis Quéré, por exemplo.

Compreendemos tanto proposta de alfabetização de Paulo Freire quanto as práticas de comunicação não hegemônicas, como a comunicação comunitária ou a atuação de influenciadores digitais que atuam para uma conscientização a respeito da questão racial no Brasil, por exemplo, como tributários do mesmo método e pertencentes ao mesmo campo nas disputas sociais. Ou seja, dotados de uma práxis, a busca de um alargamento da consciência que permita a reflexão e a transformação do mundo.

Intelectuais orgânicos e sua atuação social

No livro *Cadernos do cárcere*, Gramsci apresenta sua crítica a respeito do processo da organização de trabalho, que se articula entre a esfera da produção econômica e a vida social. Segundo o autor, nesse processo são estabelecidas algumas relações de poder entre as classes sociais, havendo uma divisão entre grupos dominantes e grupos subalternizados.

Consideramos que o autor italiano propõe em cada desdobramento de sua teoria, a denúncia dos mecanismos sociais, políticos e econômicos que empreendem práticas de subserviência entre os grupos. Como já apresentado, esse estado de subserviência, ou nas palavras de Gramsci, esse estado de subalternidade de um grupo perante outro decorre a dominação pela força coercitiva, que são as medidas diretas e violentas de repressão do Estado ou, como também por estratégias de imposição da concepção e mundo da classe dominante para a subalterna.

Sabendo que nenhuma atividade escapa do agenciamento humano, Gramsci nos faz ver que são os intelectuais orgânicos quem, bem antes dos meios de comunicação tradicionais ou modernos, mediava as estratégias de difusão de ideias, crenças e valores entre as massas. Tal observação consta no texto do autor *A questão meridional*, escrito em 1926, onde Gramsci descreve como a classe burguesa produziu de forma orgânica seus intelectuais e como eles se tornavam responsáveis por uma organização interna do seu grupo. Além disso, fazem uma promoção externa de seus valores atrelados aos interesses burgueses procurando dar a eles uma característica universal e gerar um consenso ativo dos grupos subalternos. Esses valores, que interpretamos como sendo uma ideologia burguesa, são transmitidos para a população como bons valores, uma vez que foram validados por uma classe superior. É por isso que esse intelectual orgânico ligado

à burguesia pode estar contribuindo para esse sistema, por considerá-lo bom para ele e para seus pares.

Gramsci aponta o quanto faltava para o grupo subalterno da Itália do século XX, os camponeses, exatamente esses sujeitos responsáveis por exercer ações para deslegitimar o poder dos grupos dominantes. Por exemplo, na época descrita pelo autor, entre os camponeses havia “[...] uma grande desagregação social; os camponeses, que constituem a grande maioria da população meridional, não têm nenhuma coesão entre si (...)” (GRAMSCI, 2004b, p.423). Segundo o autor a divisão da Itália essa época era:

A sociedade meridional é um bloco agrário constituído por três estratos sociais: a grande massa camponesa amorfa e desagregada; os intelectuais de pequena e média burguesia rural; e os grandes proprietários agrários e os grandes intelectuais (GRAMSCI, 2004b, p.423).

Diante dessa realidade que se repete em algum grau nos tempos atuais questionamos, qual seria o plano de fuga para escapar dessa estrutura que se divide em reforçar as hierarquias sociais?

Mostrando que a capacidade de intelectualizar-se não é exclusiva a um indivíduo ou uma classe, Gramsci (1968), ao nosso ver, amplia a noção de que os papéis sociais não são fixos, desse modo, um filho de operário não precisa estar preso a atividade braçal, ele pode atravessar os portões dessa fábrica e desenvolver a sua capacidade intelectual através da educação passando a transitar assim por novos espaços. Por meio dessa transgressão, este intelectual orgânico expande seus conhecimentos que serão utilizados de forma estratégica para a formação de uma nova cultura.

Em vista disso, àqueles intelectuais orgânicos que se propuserem a entrar na disputa pela hegemonia cultural para a superação da condição de opressão histórica que aflige os subalternos, o autor recomenda que:

(...) repetir constantemente, e didaticamente (de forma variada) os argumentos que concorrerão para a ampliação da visão das massas; e a elevação cada vez maior da cultura da massa, fazendo surgir dela mesma a elite de seus intelectuais, capazes de uma ligação teórica e prática. (GRAMSCI, 1989, p. 27).

Ao estabelecer um diálogo com a perspectiva gramsciana, Said (2007) enfatiza como o intelectual passa a trabalhar constantemente em oposição às formas institucionais

de opressão e passa a disputar espaço na sociedade. Podemos nos valer dessa premissa para pensarmos no recorte da população negra com algumas ressalvas necessárias, como faz Rodriguez et al. (2018), isso porque na concepção desses autores, apesar das abordagens mais democráticas como a de Gramsci e Said, ainda parece que “não há espaço para o intelectual negro na tradição ocidental” (RODRIGUEZ; FONSECA; SILVA, 2018, p.344).

Dentre várias pistas que atestam essa argumentação, podemos destacar o modo como o Estado, no período colonial, colaborou com o projeto de extermínio da população negra como forma de interditar a emancipação dos negros na sociedade. E como a partir disso todo um conjunto de discursivo foi estabelecido socialmente de modo que os negros sofressem com esse sistema que tem o racismo como regente dos mais diferentes níveis de exclusão social sustentados por argumentos de caráter biológico e essencialista, utilizados para naturalizar a diferença racial. Assim, os autores Rodriguez et al. (2018) acrescentam a discussão como o problema não é somente pertencer à classe mais pobre, à classe operária – como no contexto do intelectual orgânico de Gramsci –, mas é pela inegável condição da raça dos negros.

Apesar dos obstáculos postos acima, evidenciamos como a população negra conseguiu produzir seus próprios intelectuais. De Maria Firmino à Cuti, os intelectuais negros estão presentes na sociedade e se mostram comprometidos com a luta contra a violência direcionada à comunidade negra.

Nesse sentido, a produção intelectual do negro, e do negro enquanto intelectual ocorre(ram) a partir de dois eixos que, tomando as noções de Ana Lúcia Silva Souza, podemos inscrever em uma dupla camada: resistência e reexistência, articulando “[...] a militância política e a produção do conhecimento sobre a realidade étnico-racial a partir de sua própria vivência racial” (GOMES, 2010: p 496 apud RODRIGUEZ; FONSECA; SILVA, 2018, p.347).

Nilma Lino Gomes pontua, em sua obra *Intelectuais negros e produção do conhecimento*, que “a própria origem, vivência e atuação desse sujeito social e político nos orienta a ir mais além” (GOMES, 2010: p. 496 apud RODRIGUEZ; FONSECA; SILVA, 2018: p. 348). A partir das ideias de Boaventura Santos Souza, presentes no livro *O movimento negro educador*, da autora Nilma Lino Gomes (2017), encontramos argumentações sobre os saberes e a cultura produzida por negros e para negros. A autora

é enfática ao dizer que quem é nascido da luta conhece e produz um conhecimento epistemológico específico (GOMES, 2017, p. 9). É um conhecimento de quem está imerso nessa realidade, e não de quem a analisa de modo distanciado ou “neutro”.

Em sua obra, a pedagoga brasileira apresenta formulações do quanto o Movimento Negro é ativo na ação de educar e o quanto o grupo está na linha de frente lutando por ações políticas para o combate do racismo e dos outros enfrentamentos que o indivíduo negro passa cotidianamente. Nas palavras de Gomes (2017), o Movimento Negro é um “produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil. Saberes transformados em reivindicações, das quais várias se tornaram políticas de Estado nas primeiras décadas do século XXI” (GOMES, 2017, p. 14).

Assim, esses saberes e conhecimentos são resultados da inteligência e criatividade da população negra, são decorrência da produção de negros que se responsabilizam pela perpetuação da cultura negra através das gerações. Logo, podemos denominar de intelectuais negros essas pessoas tem como missão de vida que mais negros tenham acesso a esses conhecimentos, pois eles são ferramentas para a descolonização das mentes, são formas de elucidar para os negros as mazelas do racismo.

Em *Ensinando a Transgredir: a Educação como prática da liberdade*, bell hooks (2013) propõe uma pedagogia libertária, dialógica, participativa, autenticamente democrática. Com uma notável referência a Paulo Freire, a autora apresenta uma dimensão teórico-prática para a necessidade da criação de espaços de interação. Segundo o pensamento freiriano:

A gente precisa molhar o corpo da gente nas mesmas águas culturais do oprimido [...] uma escola que seja vivida ou cujo os conteúdos programáticos correspondam à ansiedade dos [as] educandos [as], e historicamente, culturalmente, socialmente, uma escola em que os [as] educandos [as] exercitem o direito de ser sujeitos (FREIRE, 2005, p.33-4).

Em sua obra, hooks se utiliza de exemplos dos alunos em sala de aula para demonstrar como um espaço social pode ser mal aproveitado, fazendo da escola um sistema engessado de depósito de informação para os alunos, em que o pensamento e a diferença são abafados por práticas conservadoras. O exemplo de hooks (2013) nos faz

pensar na sociedade como um todo e refletir sobre as tentativas de silenciamento que permeiam o negro a todo o momento.

Diante dessa realidade, hooks teoriza como a pedagogia libertária pode ser uma estratégia que assegure, por meio de diferentes ferramentas, que as vozes silenciadas de grupos marginalizados possam falar, porque neles contém as experiências que derivam de dentro das lutas e, para tanto, traz a necessidade de que essas experiências sejam relatadas.

Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (HOOKS, 2013. p. 273).

Tanto a formulação de bell hooks (2013) como a de Gomes (2010; 2017) estão além de dissertar sobre uma educação institucional. As autoras dizem respeito a um saber-negro como prática da liberdade. Esses saberes não se prendem a livros, ou ao meio acadêmico, é um trabalho que está disponível para quem sentir o ímpeto de fazê-lo.

Influenciadores negros e a produção de saberes

Há uma relação direta entre a queda dos meios tradicionais de comunicação de massa e a, cada vez maior, influência do sistema midiático que existe via internet (KESKE; ZALUSKI; GAGLIARDI, 2013). Estamos hoje testemunhando a expansão da internet, que caracteriza a sociedade contemporânea hipermidiatizada, e se coloca em oposição à antiga lógica daqueles que produzem e aqueles que consomem informações. Afinal, ao menos em teoria, todos podemos publicar o que queremos individualmente, porém com uma projeção ininterrupta devido à potência da expansão nas redes sociais em troca da perda da privacidade, além de sermos perseguidos por algoritmos em busca de consumidores.

Nos valendo do conceito de intelectual orgânico promovido pelo pensamento gramsciano e, aliados a visão dos autores Said e Gomes, compreendemos que é necessária uma categoria específica para o intelectual orgânico pertencente ao grupo étnico-racial negro no contexto brasileiro. Por isso, a esses atores sociais denominaremos de intelectual

orgânico negro contemporâneo. Essa categorização parte da nossa compreensão do serviço desses atores negros ao fazerem com que outros negros, e também brancos, entendam o impacto existente entre as opressões de classe, como também as opressões racializadas.

Notamos o quanto esses intelectuais orgânicos negros contemporâneos têm se expandido cada vez mais nos recortes diversificados do ambiente midiático, compartilhando saberes e conhecimentos de forma inteligência e criatividade para elucidar sua audiência sobre as mazelas do racismo. Para além disso, esses agentes sociais colaboram com a valorização e perpetuação da cultura negra através das gerações. Desse modo, como contribuição nossa, queremos apresentar dois exemplos de pessoas que consideramos atuar como intelectual orgânico negro contemporâneo:

Spartakus Santiago “um youtuber negro, gay e nordestino de 26 anos que busca, de forma didática, debater questões sociais através da cultura pop”. Publicitário formado pela UFF, Spartakus utiliza as plataformas digitais para promover debates sobre empoderamento negro, meritocracia, ideologia de gênero, racismo, *pink money* e outros tantos debates que se tornaram populares nos últimos anos.

A maioria dos debates que o baiano promove está em seu canal do Youtube, plataforma muito utilizada para comunicar sobre diversos temas, explorando vários estilos de linguagem e públicos. O canal do YouTube de Spartakus já atingiu a marca de 225 mil inscritos. Mais seis milhões de pessoas já visualizaram seus vídeos, que segundo o próprio youtuber, esses conteúdos têm uma perspectiva mais didática sobre essas questões sociais, descomplicando a forma rebuscada ou muito formal, de como esses assuntos são apresentados em outros veículos e formatos.

Spartakus, em entrevista ao Correio relata:

“Há 20 anos, a televisão, os jornais e os meios de comunicação de massa eram feitos por homens brancos heteronormativos. Os negros, as pessoas LGBTQs e as mulheres não tinham espaço. É uma revolução. Falar sobre o nosso lugar no mundo é uma forma de ajudar a vida das outras pessoas e fazer com que elas possam se empoderar. Ao mesmo tempo é complicado, porque o que eu faço é muito novo. Faço parte de um movimento de youtubers negros, feministas, LGBTQs, que está transformando e fazendo conteúdo relevante e não só

mergulhando numa banheira com meleca. Mas estamos descobrindo como isso funciona. Temos que falar de pautas necessárias, ao mesmo tempo, entreter”⁷.

Outro exemplo é Nátaly Neri, colega de plataforma de Spartakus. Ela é uma youtuber negra que utiliza as plataformas digitais para falar sobre empoderamento negro. O projeto começou quando a jovem ainda estava na faculdade de Ciências Sociais. Hoje, quase seis anos depois, Nátaly fala para mais de 739 mil inscritos sobre raça, gênero, sociedade, sustentabilidade, *slow living*, amores, e outras categorias que unem os temas comuns à juventude de quem frequenta a plataforma com uma responsabilidade racial e social muito importante.

Entre os muitos vídeos de seu canal, selecionamos o vídeo intitulado como: “A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA E AUTOESTIMA NEGRA: Geração Tombamento é Política?”⁸, que tem como base para o roteiro livros de autores como "Rediscutindo a mestiçagem no Brasil - Identidade nacional versus identidade negra" - Kabengele Munanga e "Tornar-se negro - As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social" - Neusa Santos souza; "Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra" - Nilma Lino Gomes. São obras que ganham maior projeção, fora do ambiente acadêmico, graças a esse trabalho de Nátaly, pois são mais de 32 milhões de visualizações que a youtuber acumula no seu canal. Nas palavras da própria criadora de conteúdo: “Por meio de vídeos humanos e simples, feitos com muita honestidade e dedicação, quero incentivar o desejo de busca por autonomia intelectual, mental e de consumo”⁹.

A vista disso, elaboramos um breve mapeamento de criadores de conteúdos negros que associamos a categoria de intelectual orgânico negro contemporâneo. Estruturamos uma tabela para apresentar criadores e suas redes que trabalham com a causa antirracista.

⁷ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/03/31/interna_diversao_arte,746407/spartakus-santiago.shtml> Acesso em 29/07/2021.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOEbjeg&t=1s&ab_channel=N%C3%A1talyNeri> Acesso em 10/06/2021.

⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/NatalyNeri/about>> Acesso em 09/07/2021.

TABELA - PRODUTORES DE CONTEÚDOS NEGROS

<p>Samuel Gomes</p> <p>“(…)Negro, de origem periférica, gay assumido e militante das causas negra e LGBT, Samuel tem palestrado sobre diversidade sexual e raça por todo o país. Em 2020, lançou o livro ‘Guardei no Armário’ pelo selo Paralela do grupo Companhia das Letras e sua série de entrevistas ganhou espaço no canal oficial da editora, entrando para história do canal” .</p> <p>Fonte: https://www.youtube.com/c/GuardeiNoArmarioOficial/about</p>	<p>REDES: Instagram: @samuelgomes</p> <p>Canal no Youtube: Guardei no Armário</p>
<p>Gabi Oliveira</p> <p>“é comunicadora social e criadora de conteúdo para internet, atualmente reúne um público de seguidores virtuais em suas redes de aproximadamente 1 milhão de pessoas, sendo um dos canais participantes do programa Creators For Change, da Google”.</p> <p>Fonte: https://www.youtube.com/c/GabiDePretas/about</p>	<p>REDES: Instagram: @gabidepretas</p> <p>Canal no Youtube: Gabi Oliveira</p>
<p>Bianca DellaFancy</p> <p>“Modelo, DJ e drag queen cujas fotos de beleza, moda e carreira conquistaram 310.000 seguidores no Instagram”.</p> <p>“Ela se define como uma "bicha abusada", que começou a se montar a cerca de seis anos e que lutou para se estabelecer em uma cena machista e heteronormativa”.</p> <p>Fonte: https://pt.famousbirthdays.com/people/bianca-dellafancy.html https://www.uol.com.br/carnaval/2020/noticias/redacao/2020/02/10/quem-e-a-drag-bianca-dellafancy-a-primeira-dj-bicha-abusada-do-carnauol.htm</p>	<p>REDES: Instagram: @biancadellafancy</p> <p>Canal no Youtube: Bianca DellaFancy</p>
<p>Nathália Rodrigues</p> <p>“conhecida como Nath Finanças. Com perguntas de finanças pessoais, ela começou a se interessar por educação financeira. Natural de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, a criadora de conteúdo trabalhava em uma loja de calçados, onde uma das tarefas era oferecer o cartão de crédito do estabelecimento aos clientes. Ela começou a encorajar a família a anotar os próprios gastos, para que assim diminuíssem o número de cartões, principalmente por seu pai não ter costume de se organizar financeiramente. Quando conta a</p>	

<p>sua história, ela garante que falar com os frequentadores da loja em que trabalhava deu uma ideia para começar o próprio negócio”.</p> <p>Fonte: https://criadoresid.com/criador/nath-financas/</p>	<p>REDES: Instagram: @nathfinancas Canal no Youtube: Nath Finanças</p>
<p>Jacy Carvalho</p> <p>“Afrohairstylist há mais de 10 anos, encontrei nas redes sociais uma forma de compartilhar o conhecimento que adquiri, seja através do autocuidado com os cabelos e pele, autoestima, ou beleza”.</p> <p>Seu canal é focado na valorização da autoestima e o empoderamento de pessoas negras”.</p> <p>Fonte: https://www.youtube.com/c/JacyCarvalho/about</p>	<p>REDES: Instagram: @jaycarvalho Canal no Youtube: Jacy Carvalho</p>
<p>Pretinhas Leitoras (Helena e Eduarda)</p> <p>“Aos 11 anos, as irmãs gêmeas Helena e Eduarda Ferreira criaram um projeto incrível de incentivo à leitura e contra a violência nas favelas. Através de um canal no Youtube e encontros presenciais para debater livros, a iniciativa Pretinhas Leitoras compartilha o amor das jovens pela leitura e ensina a importância de investir em educação”.</p> <p>Fonte: https://www.hypeness.com.br/2020/02/pretinhas-leitoras-irmas-criam-projeto-de-incentivo-a-leitura-em-areas-violentas/</p>	<p>REDES: Instagram: @pretinhasleitoras Canal no Youtube: Pretinhas Leitoras</p>

Conclusão

Por esses exemplos citados, entendemos que é por intermédio desses intelectuais negros que a produção intelectual negra floresce, eles colocam em diálogo vivência étnico-racial, as produções artísticas negras e toda a diversidade que o conhecimento eurocêntrico se empenha em sufocar.

Assim, o status quo, seja no meio digital ou no cotidiano offline, antes pautado com maior foco no ideal branco, agora configura em um espaço com pretos e pretas com narrativas e visões de mundo que passam a valorizar a imagem, representação e apresentação do ser negro no plano simbólico através dessas mediações digitais. A

presença desses corpos negros provoca movimentações, confrontos e desconfortos que propicia uma nova vertente cultural para se resistir a lógica do racismo, e também desencadeia a reatualização dos códigos de dominação que hierarquiza as classes causando discrepâncias nas posições sociais.

Desse modo, em cada rap produzido por um cantor negro e em cada vídeo publicado por youtubers negros, comprovamos a relevância da existência de intelectuais negros que, por sua vez, reconhecem o quanto que fortalecemos nossas batalhas apoiando uns aos outros. Esses sujeitos “possuem, portanto, o potencial contestatório capaz de desencadear um processo de re-educação da sociedade” (GOMES, 2011, p.152). Assim, podemos compreender como esses agentes têm impacto na promoção de saberes na vida de milhões de pessoas negras que consomem seus conteúdos, revelando que a proposta de Paulo Freire, de utilizar-se da vida sensível dos educandos para a superação de um certo nível de consciência e a libertação está presente.

Por fim, concluímos nosso entendimento de que o intelectual negro passa a apontar os problemas sociais antes abafados na sociedade. Para além disso, trabalha para desenvolver letramentos para que mais pessoas negras entendam os problemas estruturais que atravessam suas vidas, de modo que, apesar da singularidade de cada indivíduo negro, todos possam combinar suas agendas para que seja possível um transgredir os muros limitantes de nossa sociedade racista.

Referências bibliográficas

ALVES, M. F. **Olhares cruzados: o Pink Money e o Movimento LGBT**. 2019. Monografia (Comunicação Social/ Relações Públicas) - Curso de Comunicação Social, Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul/RS, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2490/1/Mateus%20Felipe%20Alves.pdf>>. Acesso em: 11/08/2021.

COCCIA, E. **A vida sensível**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2005.

GOMES, N. L. **O Movimento Negro Educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

_____. O movimento negro no Brasil: ausências, emergências e a produção dos saberes. **Revista de Sociologia Política**, v.10, nº18 - Política & Sociedade. Abril de 2011, p.133-154. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2011v10n18p133/17537>> Acesso em 28/07/2021.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

_____. **Escritos políticos**, v. 2. Org. e trad. de Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

KESKE, R. D.; ZALUSKI, C. S; GAGLIARDI, A. Mídias alternativas - Os novos meios de comunicação em massa e seus efeitos sobre os meios tradicionais e de educação. **Educom Sul**, v.2, n2, 2013. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/educomsul/2013/com/gt2/13.pdf>>. Acesso em: 11/08/2021.

RODRIGUEZ, M. D. S.; FONSECA, S. C.; SILVA, J. A. J. “O intelectual negro: agente de letramento”. **Revista da ABPN**, v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: Letramentos de Reexistência. Janeiro de 2018, p.340-362. Disponível em: <<https://xdocs.com.br/doc/intelectual-negro-agente-de-letramentopdf-6nw51q169qn1>> Acesso em 25/07/2021.